



Produtor de laranja encerra primeiro semestre com Receita Bruta 24,71% menor

Ao longo de 2016, e durante o primeiro bimestre de 2017, a Receita Bruta (RB) para o citricultor foi favorável, em decorrência da queda na produção e dos estoques reduzidos de suco. Porém, desde março/17 houve redução na RB, que encerrou o primeiro semestre de 2017

com valores 24,71% menores que os de janeiro/17.

A RB nos municípios analisados pelo Projeto Campo Futuro CNA apresentou uma taxa de redução mensal de 2,39%. Como pode ser observado no

Gráfico 1, essa diminuição foi mais acentuada nos meses de abril/17 (-22,78%) e maio/17 (-28,49%), quando o produtor recebeu R\$ 27,14/caixa e R\$ 19,40/caixa, respectivamente. Em junho/17, a RB foi de R\$18,48/caixa.

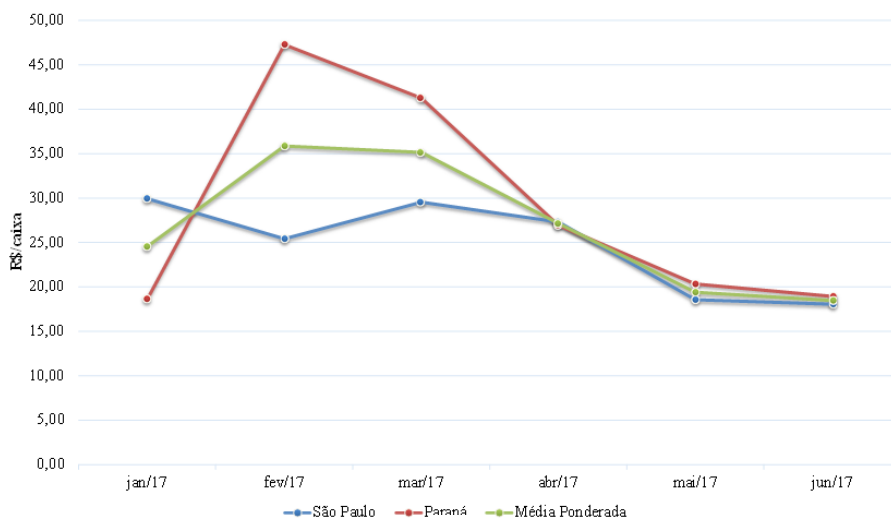


Gráfico 1 – Receita Bruta da laranja em São Paulo e Paraná no primeiro semestre de 2017.
Fonte: Projeto Campo Futuro CNA (2017), CIM/UFLA

Nas regiões produtoras de laranja do Estado de São Paulo, destacam-se os municípios de Avaré e Estrela d'Oeste que apresentaram redução de 55,41% e 46,30%, respectivamente, na RB de maio/17. No primeiro, a RB foi de R\$ 23,05/caixa e no segundo, R\$ 11,60/caixa. No Paraná, o município de Cornélio Procópio registrou uma queda de

41,51% na RB, que em maio/17 foi de R\$ 20,94/caixa.

Este comportamento da RB foi ocasionado pelo início da colheita nas principais regiões produtoras e pelo aumento de produção demonstrado na pesquisa de estimativa de safra, publicada pelo Fundo de Defesa da Citricultu-

ra (Fundecitrus) em maio/17. O estudo relata um aumento de 48,58% frente as 245,31 milhões de caixas de 40,8 kg produzidas na safra de 2016/2017. Os dados da pesquisa estimam uma produção de 364,47 milhões de caixas na safra 2017/2018.

Mão de obra causou aumento nos custos operacionais da produção de goiaba em Petrolina/PE

O custo de produção da goiaba em Petrolina/PE está maior em 2017. O Custo Operacional Efeito (COE) apresentou um aumento de 1,40%, passando de R\$

529,73/tonelada em maio/16 para R\$ 537,17/tonelada em junho/17. Já o Custo Operacional Total (COT) passou de R\$ 873,74/tonelada para R\$ 893,23/tonelada,

um aumento de 2,23%. Os dados estão discriminados na Tabela 1.

GRUPO DE CUSTOS	RS/tonelada		Participação Média (%)	
	maio/16	junho/17		
CONDUÇÃO DO POMAR	Pessoas	118,47	126,15	13,84
	Mecanização	6,91	6,79	0,78
	Água + Energia de Irrigação	66,74	66,74	7,56
INSUMOS	Corretivos	12,51	12,51	1,42
	Fertilizantes	47,19	44,78	5,21
	Produtos Fitossanitários	22,77	15,94	2,20
COLHEITA E PÓS-COLHEITA	Pessoas	96,92	103,20	11,32
	Mecanização	10,36	10,18	1,16
	Outros	0,00	0,00	0,00
GASTOS GERAIS	Administrativos	71,78	74,81	8,30
	Materiais	76,07	76,07	8,61
JUROS DE CUSTEIO		0,00	0,00	0,00
Custo Operacional Efetivo (COE) - (A)		529,73	537,17	60,38
Depreciações - (B)		158,01	158,01	17,89
Pró-labore - (C)		186,00	198,05	21,73
Custo Operacional Total (COT) - (D) = (A + B + C)		873,74	893,23	100,00

Tabela 1 – Comparativo dos Custos Operacionais da produção de goiaba em Petrolina/PE entre maio/16 e junho/17.
Fonte: Projeto Campo Futuro CNA (2017), CIM/UFLA.

Os grupos de custos que influenciaram o aumento foram os que possuem mão de obra entre seus componentes. Com o reajuste salarial que passou a vigorar em janeiro/17, os custos com pessoas na condução do pomar foram de R\$ 118,47/tonelada em maio/16 para R\$ 126,15/tonelada em junho/17. Na colheita e pós-colheita, os custos com pessoas foram de R\$ 96,92/tonelada em 2016 para R\$ 103,20/tonelada em 2017. O pró-labore também foi maior em junho/17, custando R\$ 198,05/tonelada. Estes três grupos de custos apresentaram um aumento de 6,48%, em média. Já os gastos gerais administrativos apresentaram um aumento de 4,22%.

Os demais grupos de custos, que não sofreram influência do reajuste salarial, apresentaram reduções. Os custos com mecanização tanto na condução do pomar quanto na colheita e pós-colheita foram 1,74% menores em junho/17. O grupo de custos fertilizantes foi de R\$ 47,19/tonelada em maio/16 para R\$ 44,78/tonelada em junho/17, uma diminuição de 5,11%. A maior redução percentual (-30,0%) foi observada no grupo de custos produtos fitossanitários. Como estes grupos participam em menor proporção na composição do COT, sua redução apenas atenuou os efeitos do novo salário mínimo.

O COE corresponde a todos os componentes de custos gerados pela relação entre os coeficientes técnicos (quantidade utilizada) e os seus preços. Também se enquadram os gastos administrativos e os custos financeiros do capital de giro. Os componentes do COE são renovados em todo ciclo produtivo.

O COT resulta da soma entre o COE, Depreciações e Pró-labore, e indica a possibilidade de reposição da capacidade produtiva do negócio além da remuneração do responsável pelo gerenciamento da atividade, que pode ser o próprio produtor (pró-labore, neste caso).

Produção de abacate em São Gotardo/MG apresentou custos maiores do que em Piraju/SP

As regiões produtoras de abacate analisadas pelo Projeto Campo Futuro CNA possuem os mesmos sistemas de cultivo e tipo de produção. Tanto em São Gotardo/MG, quanto em Piraju/SP o sistema de cultivo é não irrigado, e há utilização de maquinários em parte do processo produtivo (tipo de produção semi-mecanizado). Apesar destas características, os custos de produção nos dois municípios se diferem em vários aspectos.

Na cidade mineira, o Custo Operacional Efetivo (COE) médio de maio/16 a junho/17 foi R\$ 693,93/tonelada, e o Custo Operacional Total (COT), R\$ 840,30/tonelada. Em Piraju/SP, o COE médio no mesmo período foi R\$ 573,75/

tonelada e o COT de R\$ 696,30/tonelada.

Como demonstrado na Figura 1, esta diferença é influenciada pela existência de pró-labore (R\$ 47,67/tonelada) em São Gotardo/MG e também pelos custos com mecanização (R\$ 124,50/tonelada), produtos fitossanitários (R\$ 182,15/tonelada) e gastos gerais (R\$ 57,66/tonelada), que são maiores. Já no município paulista, esses custos foram de R\$ 61,24/tonelada, R\$ 71,17/tonelada e R\$ 28,77/tonelada, respectivamente. A inexistência do pró-labore na composição dos custos de produção do abacate em Piraju/SP se justifica pelo fato de que o produtor rural também é um dos funcionários da proprieda-

de, e seu salário está incluso no COE.

Apesar de São Gotardo/MG apresentar custos menores com corretivos, fertilizantes, manutenções e depreciações, o COE e o COT neste município foram 20,95% e 20,68% maiores do que os de Piraju/SP. Ressalta-se que no município paulista a produtividade (17 toneladas/hectare) é aproximadamente 13% superior à do município mineiro. Isso contribui para uma economia de escala, já que na medida em que há produções maiores por área, há um maior aproveitamento da mão de obra, dos insumos agrícolas e da mecanização, ou seja, dos recursos necessários à produção, reduzindo os custos unitários.

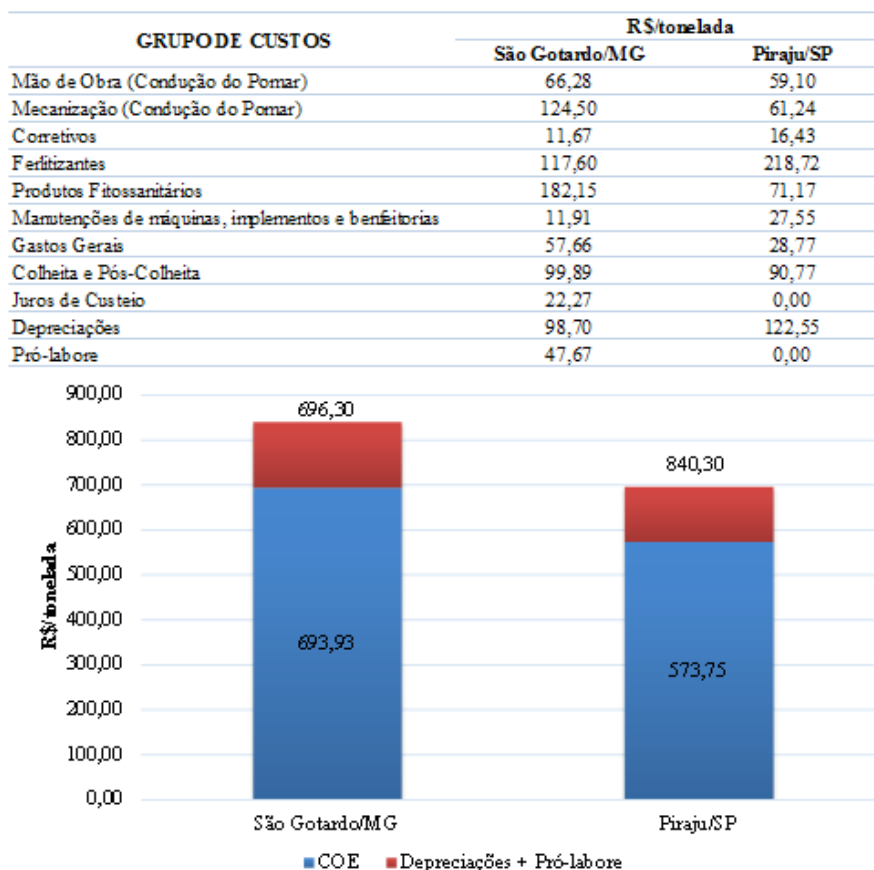


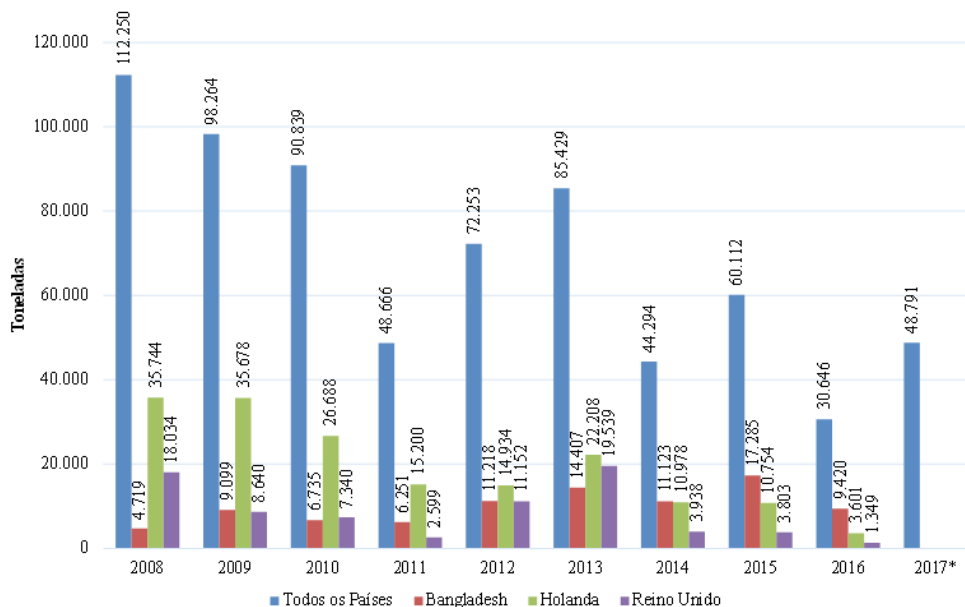
Figura 1 – Comparativo dos principais grupos de custos da produção de abacate em São Gotardo/MG e Piraju/SP; COE e COT (COE + Depreciações + Pró-labore).
 Fonte: Projeto Campo Futuro CNA (2017), CIM/UFLA.

Exportações brasileiras de maçã reduziram 56,53% na última década

As exportações brasileiras de maçã apresentaram uma redução de 56,53% na

última década. No primeiro ano da série de dados analisada o volume exportado

foi de 112.250 toneladas da fruta, como demonstrado no Gráfico 2.



*Exportações brasileiras totais até junho/17.

Gráfico 2 Exportações brasileiras de maçã para Bangladesh, Holanda, Reino Unido e todos os países, de 2008 a 2017.

Fonte: Secretaria de Comércio Exterior (Secex)

Elaboração: CIM/UFLA

Segundo dados da Secretaria de Comércio Exterior (SECEX), até junho/17 foram exportadas 48.791 toneladas. No período analisado, as exportações se concentraram entre os meses de fevereiro a junho, que em média representaram 97,32% do volume total exportado de cada ano.

Em 2008, aproximadamente 112.250 toneladas de maçã deixaram os portos brasileiros, tendo os países europeus como principais destinos. Naquele ano, Holanda e Reino Unido importaram 47,91% da maçã que saiu do Brasil, cada país importando cerca de 35.744 e 18.034 toneladas, respectivamente. No ano seguinte, o volume exportado da fruta brasileira começou a se reduzir até que, em 2011, foram exportadas 48.666 toneladas, valor 56,64% menor que o de 2008.

Em 2012 e 2013, as exportações aumentaram em relação a 2011, porém foram 35,63% e 23,89% menores do que as de 2008. Em 2014, o volume exportado foi de 44.294 toneladas, quantidade 60,54% menor do que a do início da última década.

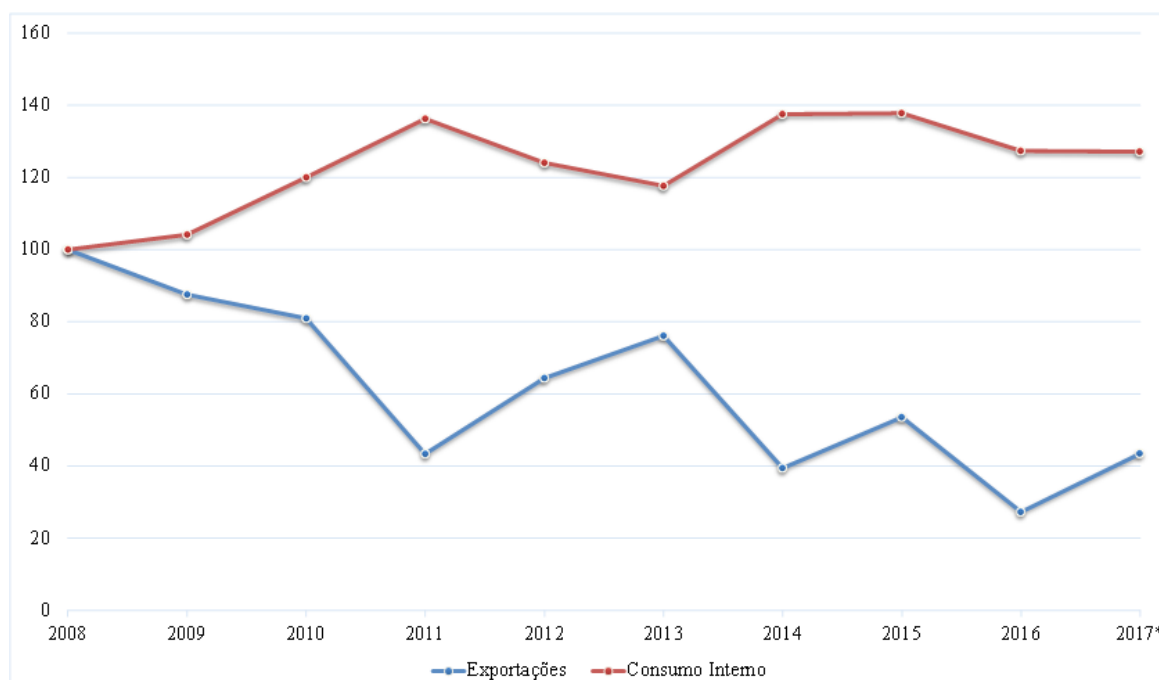
Em 2015 a quantidade de maçã que saiu do Brasil voltou a subir e foram exportadas 60.112 toneladas, mas em 2016 este número voltou a se reduzir, quando foi exportado o menor volume de frutas do período analisado, 30.646 toneladas. Queda de 72,70% em comparação a 2008. Essa redução significativa nas exportações ocorreu principalmente devido à redução da produção ocasionada por problemas climáticos e o consequente aumento dos preços da maçã no Brasil o que fez com que os produtores priorizassem a venda do fruto no mercado interno.

Entre 2008 e 2013, a Holanda liderou as importações da fruta brasileira, sendo que nos dois primeiros anos do período essa quantidade foi superior a 35.500 toneladas. A partir de então, os países europeus começaram a reduzir suas importações da maçã brasileira e, em 2014, Bangladesh passou a ser o principal país importador, totalizando um volume de 11.123 mil toneladas. Neste mesmo ano, as importações ho-

landesas somaram um total de 10.978 toneladas, valor 50,57% menor do que o de 2013.

Além das menores importações europeias, outro fator que contribuiu para a redução nas exportações brasileiras foi o comportamento do consumo interno da fruta. Segundo dados do *United States Department of Agriculture* (USDA), o consumo de maçã pelos brasileiros teve um comportamento contrário ao das exportações, como se observa no Gráfico 3. Em comparação à 2008 houve aumento de consumo nos anos de 2009 (+4,12%), 2010 (+20%) e 2011 (36,26%).

Em 2012 e 2013, o consumo caiu (-8,96% e -5,16%) em relação a 2011, enquanto as exportações voltaram a subir. Em 2014 este cenário se inverteu novamente e, com o aumento de 16,90% no consumo interno em relação ao ano anterior, as exportações se reduziram. Apesar do aumento parcial de 59,21% nas exportações brasileiras entre 2016 e 2017, há tendência de baixa desde 2013.



*Dados até junho/17.

Gráfico 3 – Variação nas exportações e no consumo interno de maçã no Brasil de 2008 a 2017 – Base 100.

Fonte: Secretaria de Comércio Exterior (Secex); *United States Department of Agriculture* (USDA).

Elaboração: CIM/UFLA.